

A Ceia do Senhor, a Fração do Pão,
não surge no Templo, mas na Sinagoga. A Sinagoga Cristã assume a
estrutura da Judia, mas modificando-a e completando-a.



**nos primeiros tempos do cristianismo,
não havia templos
nem se celebravam sacrifícios**

A CEIA DO SENHOR, A FRAÇÃO DO PÃO, não surge no Templo, mas na Sinagoga. A Sinagoga Cristã assume a estrutura da Judia, mas modificando-a e completando-a.

Não se localiza no Templo, nem é presidida por um sacerdote ou doutor; nela não se celebram sacrifícios, antes se faz a leitura da palavra e se pratica a oração. Há uma **modificação** da Sinagoga Judia, na medida em que a palavra do Antigo Testamento passa a ser substituída pela narração dos factos e dos ditos de Jesus, feita não por sábios doutores, mas por Testemunhas de Jesus; e os participantes expõem em comum o que o Espírito concede a cada um (profetas). E termina com a Fração do Pão, que não tem precedente no Antigo Testamento. É uma reunião em que não há sacerdotes e a que ninguém preside, por ofício, e em que não há lugar à oferta de sacrifícios, não se pronunciando sequer a palavra altar.

A nossa pergunta terá de ser, necessariamente, esta: **de onde surgiu a interpretação sacrificial da Eucaristia, chamada “o santo sacrifício da Missa”, com todos os seus ritos, a sua clericalização e a mera “assistência e participação “dos “leigos””?**

Estevão fez um virulento ataque ao Templo: “o Altíssimo não habita em casas feitas por mãos humanas”. Os primeiros seguidores de Jesus não possuem Templos, lugares da presença de Deus e de adoração. Estes foram surgindo, porém, mais tarde. Seria um regresso ao Antigo Testamento, uma traição a Jesus? A magnificência dos templos cristãos tem a ver com Jesus, ou antes com o Templo de Jerusalém?

Há aqui que conjugar várias linhas de

orientação: o crescimento numérico, o progressivo alargamento da classe clerical, a alteração teológica de banquete para sacrifício, a posse de riquezas e a conceção dos templos como esplendurosos monumentos à glória de Deus, que constituem um perigo mortal para a Ceia do Senhor.

Lembremo-nos duma coisa: **Deus de nada necessita a não ser que cuidemos dos seus filhos. Todo o dinheiro da Igreja é destinado aos pobres. Só quando ninguém, no mundo, padecer qualquer necessidade, é que podemos dedicar esse dinheiro à glória de Deus.**

O espírito reside na assembleia e não numa cabeça isolada. Na Igreja não há poder, mas missão. Podemos verificar que, invariavelmente, as decisões importantes eram tomadas em assembleia que, na hora de decidir, surgia sempre como órgão supremo, mesmo estando presentes os apóstolos, Pedro inclusive.

Foi o que sucedeu, logo desde o início, com a eleição de Matias, até ao final, aquando do chamado “Concílio de Jerusalém”, a cuja autoridade se submetem Pedro e Paulo, com alguma reticência dos seguidores de Tiago.

Como iriam ser tomadas as decisões importantes no futuro? O poder comunitário da assembleia foi decaindo, dando lugar ao poder monárquico. Quando terá começado esta alteração? Terá aquela riqueza comunitária das assembleias originais algo parecido com a forma atual de o Papa, os bispos e os Concílios exercerem a sua autoridade?

A função dos Doze e, muito especialmente, de Pedro: “Nós dedicar-nos-emos à oração e à Palavra” deixando a administração a outras pessoas eleitas pela comunidade. **Os Doze e mais tarde**

os apóstolos ficam com a missão da Palavra, para cumprimento da qual necessitam da oração. Esta situação confere-lhes autoridade, mas esta nunca surge como um poder nem de perto nem de longe semelhante aos poderes civis e, muito menos, aos poderes militares e económicos. O caso de Pedro é bem esclarecedor:

toma iniciativas que são acatadas por todos (eleição de Matias (1,12));
faz propostas à comunidade que esta aceita favoravelmente (ibid.);
é enviado a evangelizar a Samaria juntamente com João (8,14);
toma, por sua conta e risco, a decisão de entrar em casa de pagãos e de os batizar (10,34);
tem de dar explicações à comunidade de Jerusalém, e fá-lo com toda a naturalidade (11,1);
manifesta a sua opinião com autoridade, mas sem caráter de decisão definitiva, no “Concílio de Jerusalém” (15,7);
sujeita-se a uma repreensão de Paulo (Gal. 2,11) **“por ser digno de repreensão”**;

As formas de governo. Constatou-se que existiam várias formas. A comunidade de Jerusalém parece ter-se regido por um conselho de anciãos presidido por Tiago “o irmão do Senhor”. Noutras comunidades surgem, sem mais, “os presbíteros”, que parecem constituir, também, conselhos de anciãos, umas vezes espontaneamente, e outras nomeados por Paulo ou qualquer outro apóstolo. Surgirão, finalmente, os episcopos (bispos) que, umas vezes são presidentes dos conselhos de anciãos, e outras se apresentam com uma autoridade mais

peçoal. De todas estas formas, apenas subsistiu, na Igreja, o episcopado monárquico.

Há que perguntar por que razão se puseram de lado as outras formas de governo e, também, se não poderiam existir, hoje, na Igreja sistemas de governo diferentes. Surgem os diáconos, enquanto encarregados dos assuntos económicos, dos aspetos físicos da Fração do Pão e como auxiliares dos bispos.

Tanto os bispos como os presbíteros, os diáconos e os profetas são casados; mais ainda, os textos não parecem tolerar essa situação, mas antes, exigem-na. 1 Tim 3, 2-5: “É preciso que o bispo seja irrepreensível, homem de uma só mulher, sóbrio, pudico, respeitável, hospitaleiro, didático, que não seja bêbedo nem espancador, mas gentil, não-violento, sem ser amante do dinheiro; que governe bem a própria casa, mantendo os filhos em submissão, com toda a dignidade, pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará ele da assembleia de Deus?”.

Os apóstolos, e Pedro em particular, são-nos mesmo apresentados “acompanhados por uma mulher cristã” (1 Coríntios 9, 5). Apenas se fala de celibatários ao referir Paulo e Barnabé e, neste caso, não para apresentar o seu celibato como modelo, mas precisamente para justificar o seu caráter excepcional... **De onde terá vindo o celibato sacerdotal obrigatório?** Trata-se duma situação que foi surgindo na Igreja mais tarde, embora a não encontremos nas primeiras comunidades.

Os únicos sacerdotes são os do Templo de Jerusalém. As comunidades cristãs não possuem sacerdotes. Como nasceram e que significado têm? De tudo

o que fica dito se deduz algo bem evidente. Todas estas formas de governo poderão ser convenientes ou inconvenientes, eficazes ou inúteis, mas nunca poderemos dizer que provêm de Jesus, e, por isso, podem ser alteradas. Mas o que realmente é de Jesus, e se verifica nas primeiras comunidades, é que elas se sentem responsáveis por si mesmas, que não existe qualquer divisão entre quem manda e os outros, que não existe nenhuma classe clerical, que ninguém se sente possuidor de poderes divinos. As formas de governo podem mudar, mas se essa alteração não for segundo o Espírito de Jesus constitui uma traição e conduz ao fracasso

As mulheres. São muito importantes: foram-no na vida de Jesus e mais ainda na Ressurreição; constituem a maioria na primeira comunidade de Jerusalém e, provavelmente, também nas outras. São citadas com muita frequência nos Atos como magníficas colaboradoras, e aparecem desempenhando os cargos de **apóstolas, diaconisas e profetas**. Surgem, até, algumas breves citações em que se fica com a impressão que é o casal, o matrimônio, que é responsável pela missão.

Esta situação foi desaparecendo na Igreja. Não desapareceu a sua importância real, mas sim toda a participação da mulher em cargos da Igreja. Qual a causa da sua exclusão ao longo do tempo, e quais são as suas reais e possíveis funções na Igreja de hoje? A explicação seria muito longa, mas há uma afirmação que podemos fazer facilmente: a sua exclusão não provém de Jesus.

Quem recusa o sacerdócio às mulheres costuma apresentar dois argumen-

tos: que Jesus, na última ceia, apenas ordenou homens como sacerdotes; e que, na tradição da Igreja, nunca houve mulheres-sacerdotes. A resposta a estes argumentos é muito simples: nos Atos dos Apóstolos verifica-se, com toda a clareza, a não existência de sacerdotes nas primeiras comunidades, prova evidente de que Jesus não ordenou ninguém sacerdote; porém, deparamos com mulheres, em todos os serviços da Igreja existentes nessas comunidades: apóstolos, profetas, diaconisas....

Converti-vos: mudar. O vinho novo rebenta com os odres velhos. Se o Antigo Testamento era fidelidade literal ao antigo, ao formulado, ao imutável, o de Jesus será muito diferente, como se verifica nos Atos.

As primeiras comunidades não viram nenhum inconveniente em mudar: abandonaram o Templo, a circuncisão, as restrições alimentares, a proibição do trato com os pagãos, o modo autoritário, a função da mulher...

E atreveram-se a alterar as coisas que passavam despercebidas, mas que eram radicalmente importantes: alteraram o idioma. Abandonaram o sagrado hebreu das escrituras e o aramaico em que se expressou Jesus. Falaram ao povo, traduziram Jesus no idioma de toda a gente. Deixou de haver um idioma sagrado e fórmulas sacras ou mágicas.

Atrevo-me até a dizer mais: os elementos das primeiras comunidades não sentiam necessidade de ser judeus nem de se inserirem numa religião. Há culturas atuais que necessitam de ser ocidentais e inseridas numa religião? Há uma identificação entre o cristianismo ocidental (grego e romano e muitas outras

coisas) e o caminho de Jesus, ou será isso aquilo de que nós ocidentais estamos convencidos, com a mesma razão/sem-razão com que os judeus do tempo de Jesus e do Atos chamavam “Palavra de Deus” às suas interpretações e costumes?

Nem o sacerdócio, nem o episcopado monárquico, nem a atitude do Papa como vigário infalível de Cristo, nem o sentido sacrificial da Ceia do Senhor, nem cinco dos sete sacramentos, nem a diferenciação entre clérigos e leigos, nem o celibato dos presbíteros, nem a construção de templos, nos **aparecem nos escritos por nós comentados.**

O que parece indicar, com clareza, que não têm a sua origem em Jesus, mas que foram introduzidos mais tarde na Igreja. Podem ser coisas corretas ou equivocadas, depender do Espírito de Jesus ou ser traições para com Ele, mas o certo é que ninguém as pode fundamentar na vontade de Jesus, nem afirmar que foram “fundadas” por Ele.

Poderia considerar-se algo marginal. Naturalmente que os costumes vão mudando, e que os tempos exigem alterações. Não é a mesma coisa governar uma comunidade de vinte e cinco pessoas ou outra de cem mil, nem se podem reunir no mesmo local, não se podem transferir para as nossas comunidades atuais as formas de governo das primeiras igrejas.

Sem dúvida. Mas há algo que não é marginal: **a fidelidade ao Espírito de Jesus.** E aqui surge um problema: muitas das diferenças entre as formas de governo das primeiras igrejas e as da Igreja atual, não são modificações exigidas pela adequação do espírito aos nossos tem-

pos, mas antes desvios ao Espírito de Jesus.

Uma Igreja que se preocupa mais com os seus problemas e com o próprio status do que com a fome e a injustiça do mundo, não vive segundo o Espírito de Jesus.

Uma Igreja que transformou a Ceia do Senhor num espetáculo de ostentação, celebrado apenas por clérigos e em locais espetacularmente dispendiosos, nada tem a ver com a humilde celebração à volta da mesa das primeiras comunhões.

Uma Igreja governada autocraticamente por pessoas que se dizem representantes do poder do próprio Deus, em nada se parece com as primeiras igrejas de assembleias comunitárias.

Uma Igreja que exclui as mulheres e exige o celibato aos sacerdotes, não pode estabelecer o seu fundamento no número de adeptos, nem no seu poder económico ou no seu prestígio social, mas sim na sua capacidade de transmitir o Espírito de Jesus.

Conclusão primária: é bem evidente que a Igreja de hoje tem problemas, mas devia também ser evidente que a única via de solução está na repetição da experiência das primeiras comunhões: obedecer ao Espírito de Jesus, mesmo que seja preciso renunciar a inúmeras coisas que se nos colaram tão profundamente que até já nos parecem ser fundamentais. **Mas não são, são sim clamorosas traições ao Espírito de Jesus: e é isso que faz fracassar a Igreja.**

JOSÉ RUIZ DE GALARRETA, S.J.

<http://www.reflexionyliberacion.cl/ryl/2018/12/07/los-primeros-cristianos-no-tenian-templos-ni-celebraban-sacrificios>

um Livro

O Elogio da Sede

do **Padre JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA** (Quetzal, 2018) reúne os textos das meditações sobre a Quaresma de 2018 feitas em Roma pelo autor, a convite do Papa Francisco no seu retiro espiritual.



A PASTORAL DA CULTURA

No momento em que o Poeta **JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA** assume as funções de Arquivista e Bibliotecário da Santa Sé e é investido como Arcebispo de Suava, importa lembrar a ação que desenvolveu nos meios culturais como poeta consagrado, que tem procurado abrir horizontes de diálogo com os meios intelectuais numa perspetiva de troca de ideias, de enriquecimento mútuo e de um melhor conhecimento das preocupações espirituais do mundo contemporâneo, a partir da laicida-

de, da liberdade religiosa, numa sociedade aberta e pluralista. Simbolicamente o novo Arcebispo adotou como lema a frase “Olhai os lírios do campo” (Mt., 6, 28) e escolheu como símbolos os lírios, um elefante, e o Alfa e o Ómega da mensagem bíblica do Filho do Homem. O elefante representa a velha e mítica ligação dos portugueses a Roma, de que a célebre embaixada do Rei D. Manuel ao Papa Leão X em 1514 é uma indelével referência, enquanto os lírios representam a simplicidade da vida. A leitura de «Elogio da Sede» permite-nos compreender melhor a alegria e a disponibilidade pessoal com base no entendimento da sede como “bem-aventurança que nos salva”. «Não é fácil reconhecer que se tem sede. Porque a sede é uma dor que se descobre pouco a pouco dentro de nós, por detrás das nossas habituais narrativas defensivas, asséticas ou idealizadas; é uma dor antiga que sem percebermos bem como encontramos reavivada, e tememos que

nos enfraqueça; são feridas que nos custa encarar, quanto mais aceitar na confiança». Eis por que razão, o poeta nos põe de sobreaviso contra a indiferença, contra o encolher de ombros do relativismo. A liberdade religiosa e o encontro entre convicções obrigam a estarmos disponíveis para ouvir e para caminhar juntos, sendo capazes de nos colocarmos no lugar dos outros. Não pode haver diálogo na ignorância ou na suposição de que temos certezas acabadas e fechadas. Ao percorrermos as meditações, seguimos os capítulos, significativamente intitulados – Aprendizagem do espanto, a ciência da sede, o perceber que se está sedento, a sede de nada que nos adocece, a sede de Jesus, as lágrimas que contam uma sede, o beber da própria sede, as formas do desejo, a escuta da sede das periferias, e a bem-aventurança da sede. Cada palavra, cada passo devem ser considerados, cultivando o tempo, a reflexão e a atenção. E se alguns põem em causa o facto de o Papa Francisco apelar às periferias, como se estivesse a esquecer as centralidades, a verdade é que a centralidade da dignidade humana só pode ser compreendida se entendermos os limites, as dificuldades, as angústias. Quantas vezes nos sentimos perdidos e abandonados – são esses os momentos fundamentais para que temos de nos prevenir perante o risco de cairmos e de estarmos fortes para nos levantarmos. Mas se estamos demasiado seguros e cer-

tos, há qualquer coisa que falta na fé e na esperança e que empobrece o amor.

QUE É A MISERICÓRDIA?

Oiçamos. «Perguntamo-nos muitas vezes o que é a misericórdia. E a misericórdia não cabe numa definição. Não se pode dizer: “A misericórdia é isto”. Precisamos de espelhos para compreender a misericórdia. Ela tem de incarnar-se para que a possamos tocar. Misericórdia é compaixão, misericórdia é bondade, misericórdia é perdão, misericórdia é colocar-se no lugar do outro, misericórdia é levar o outro aos ombros, misericórdia é reconciliação profunda. É tudo isso. Mas é isso realizado também com um determinado estilo, que é o estilo do pai da parábola de Jesus. Não há misericórdia sem dádiva, sem doação. Aquele filho trazia tantas feridas, manifestas e escondidas, e precisava de ser curado com o bálsamo da misericórdia». E se falamos de dádiva, temos de ter presente a ideia de troca – dou e dás, encontramos afinal na generosidade. No fundo, “Deus ama a vida e não desiste dela”. De que vida nos fala? Do quotidiano inesperado, em que podemos descobrir o outro que nos procura. Nos caminhos insondáveis temos de ser aprendizes do espanto. “O que nos salva é um excesso de amor, uma dádiva que vai para lá de todas as medidas”. Não, não estamos saciados – estamos sim cientes de uma sede que não se satisfaz

imediatamente na nossa condição. Através do amor, do respeito e da dignidade vamo-nos saciando. Mas é a consciência dos limites que nos leva a entender que não estamos sós e que temos de estar atentos a quem nos chama, mesmo em silêncio... S. Paulo di-lo melhor que ninguém. A fé e a esperança passam. O amor e o cuidado ficam – e assim a sede é o desejo e o caminho para esse dia em que poderemos finalmente ver face a face... “Porque Deus não desiste de dizer a toda a vida – à nossa vida – que ela é querida e bem-aventurada. Essa é a sede de Deus”.

O MORALISMO FALSEIA O ENCONTRO

Um dia José Tolentino disse a Anabela Mota Ribeiro: «Detesto o moralismo. Penso que o moralismo falseia o encontro connosco próprios e com a humanidade. O que acontece aos outros acontece a cada um de nós. Dizia o cristianíssimo Dostoievski: “Somos responsáveis por tudo perante todos”. (...) A experiência do mal atravessa todas as vidas. Todos precisamos de ser salvos. (...) Somos mesquinhos, banais, egóticos, ressentidos. Se não tomamos consciência disso não conseguimos a transformação. A primeira condição da transformação é a nudez. Ser capaz de contar a sua verdade. Gosto muito da Flannery O'Connor (dizia o poeta), que é para

mim, ao lado do Pasolini, uma mestra espiritual. Ela mostra um mundo que se diria monstruoso. De assassinos em série. De gente capaz de tudo. “Esse mundo somos nós”. Até que acontece o encontro com a graça. É esse encontro que transforma a nossa vida. Penso que não se pode dividir [a humanidade] entre homens bons e homens maus. (...) Há a experiência do mal, que é comum a todos, que nos atravessa, corrói, domina em tantos momentos». Quem somos afinal? Quem são os sedentos que se encontram connosco na dúvida e na incerteza? O filho pródigo e o seu irmão ressentido somos nós. S. Pedro a negar três vezes somos, de facto, nós. S. Tomé incrédulo ainda somos nós, muito mais vezes do que julgamos. Graham Greene quando se converteu escolheu o nome de Tomé, exatamente porque sabia que a fé e a incerteza se completam – enquanto paradoxalmente Mauriac num grito algo provocatório lembrava às avessas do Salmo 22: “Meu Deus, meu Deus porque não me abandonaste”. E Santa Teresa de Jesus alertava para a ingenuidade de supor que “as almas às quais Nosso Senhor se comunica, de uma maneira que se julgaria privilegiada, estejam contudo, asseguradas nisso de tal modo que nunca mais tenham necessidade de temer ou de chorar os seus pecados».

Guilherme d'Oliveira Martins

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/a-vida-dos-livros-693202> (30/07/2018)